

Sociopoética Com Crianças: Diálogos Decoloniais com Carolina Maria de Jesus

Sociopoetic With Children: Decolonial Dialogues with Carolina Maria de Jesus

Lillian Ferreira Rodrigues

Especialização em Gestão, Universidade Pitágoras
Docente, Secretaria de Educação, Ervália, MG, Brasil

 lillian.rodrigues@ufv.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4155-0757>

Heloisa Raimunda Herneck

Doutorado em Educação Universidade Federal de São Carlos
Docente, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil

 hherneck@ufv.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1758-6138>

Maria Simone Euclides

Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará
Docente, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil

 maria.euclides@ufv.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2409-9303>

Terezinha Duarte Vieira

Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas
Docente, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil

 terezinhaduarte@ufv.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3156-0679>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.33-15>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Neste artigo, através da sociopoética, apresentamos a análise dos saberes decoloniais tecidos com crianças a partir da obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus. Para isso, abordamos a sociopoética como modo de pesquisar decolonial alternativo ao fazer científico hegemônico e seus principais conceitos para a composição de conhecimentos decoloniais. Além disso, permearam a história de Carolina Maria de Jesus que embasou a vivência sociopoética com crianças de 5 anos da turma do 2º período de uma escola de Educação Infantil (EI) de Minas Gerais. Assim, verificamos as potencialidades da sociopoética com crianças, ao proporcionar que elas se expressassem integralmente e produzissem saberes decoloniais como o (re)conhecimento de Carolina Maria de Jesus como escritora negra da literatura brasileira.

Palavras-chave: sociopoética, crianças, Carolina Maria de Jesus

Abstract

In this article, through sociopoetic, we present an analysis of the decolonial knowledge created with children from the autobiographical work of Carolina Maria de Jesus. For this, we approach sociopoetic as a way of researching a decolonial alternative to scientifically hegemonic doing and its main concepts for the composition of decolonial knowledge. In addition, we permeate the story of Carolina Maria de Jesus, who based a sociopoetic experience with 5-year-old children from an Early Childhood Education school in Minas Gerais. Thus, we verify the potential of sociopoetics with children, by allowing them to fully express themselves and produce decolonial knowledge such as the (re)cognition of Carolina Maria de Jesus as a black writer of Brazilian literature.

Keywords: sociopoetic, children, Carolina Maria de Jesus

Recebido em 10/12/2022

Aceito em 10/02/2023

Publicado em 31/03/2023

Introdução

Os estudos sobre as infâncias negras apontam a necessidade do exercício de escuta de crianças nas pesquisas (Cavalleiro, 2003; Abramowicz & Oliveira, 2012; Gomes & Araújo, 2014; Jango, 2017). Contudo, de acordo com Anete Abramowicz & Fabiana Oliveira (2012, p.59), enquanto adultos, temos um “cardápio de sentidos insuficiente”, não compreendendo a complexidade desse exercício, uma vez que a escuta requer o rompimento com a perspectiva adultocêntrica para compreensão do que é dito pela criança. A sociopoética, como um modo de pesquisar, tece diálogos que ecoam essas e outras vozes por vezes silenciadas e ignoradas, produzindo conhecimentos que incluem os sujeitos integralmente na pesquisa.

Na sociopoética, a escuta, a voz, o sentir e o sentido compõem a pesquisa, o que permite o envolvimento ativo de sujeitos de culturas de resistência na construção de

saberes decoloniais (Gauthier, 2019). Ao se ater à decolonialidade, a sociopoética surge em alternativa ao modo de pesquisar e assim compõe narrativas insurgentes. Ademais, a composição de saberes decoloniais com a sociopoética auxiliam no rompimento com a colonialidade, dado que a decolonialidade advém da compreensão da existência da continuidade do poder colonial e, conseqüentemente, de seus impactos na estrutura social (Quijano, 2005; Oliveira & Lucini, 2021).

Jacques Gauthier (2019) ressalta que a decolonialidade consiste em um processo que, primeiramente, percorre a interioridade dos sujeitos para que ocorra sua externalização, ou seja, para que a decolonialidade demonstra efeitos sobre as relações e a sociedade, ela deve iniciar nos sujeitos. Logo, a sociopoética em diálogo com a interiorização de saberes decoloniais, como as epistemologias negras, abre caminhos para o decolonialidade dos sujeitos e dos conhecimentos, além de visualizar uma educação antirracista, que reflete positivamente no processo de subjetivação dos sujeitos, sobretudo das crianças, visto que elas são “portadora[s] da diferença, da diversidade e da alteridade” (Abramowicz & Oliveira, 2012, p. 59).

Além disso, o imaginário social, demarcado pela hierarquia racial de supremacia branca, atravessa as escolas sustentando o racismo estrutural, sobretudo pela escassez de referências negras nos cotidianos escolares, seja por imagens, epistemologias e/ou pela não menção de intelectuais negras/os. Diante disso, neste texto temos como ponto de partida a história de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, que ficou reconhecida na década de 1960 por suas escritas literárias, principalmente, sobre o dia a dia da periferia em que morava.

A partir de uma perspectiva decolonial buscamos tecer saberes e diálogos entre crianças e a história de Carolina Maria de Jesus. Isso posto, esta produção está dividida em três partes: na primeira seção, apresentamos a sociopoética e os seus principais conceitos para a composição de conhecimentos decoloniais; na segunda, permearam a história de Carolina Maria de Jesus, e, posteriormente, relatamos sobre a vivência sociopoética com crianças de 5 anos da turma do 2º período de uma escola de Educação Infantil (EI) de Minas Gerais e os saberes tecidos, no intuito de, por fim, traçar as considerações desse modo de pesquisar decolonial.

A Sociopoética como Modo de Pesquisar Decolonial

De acordo com Jacques Gauthier (2009; 2015; 2019), a sociopoética consiste em um modo de pesquisar definido como decolonial, filosófico e científico que conduz ao rompimento com a linguagem e o saber científico único, hegemônico e impessoal.

Impulsionada pela decolonialidade, a sociopoética associa o pesquisar às lutas de povos de resistência, tais como movimentos sociais negros, indígenas, LGBTQIAPN+, dentre outros. Desse modo, consiste em um modo de pesquisar que, segundo Jacques Gauthier, escuta as vozes de povos e sujeitos à margem na sociedade, buscando corresponder à “[...] autonomia de comunidades e movimentos sociais instituindo um mundo mais justo, à pesquisa inter e transcultural, ao cuidar integral e à pedagogia libertadora” (Gauthier, 2015, p. 85). A sociopoética:

1º) Descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2º) Promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3º) Favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo pesquisador; 4º) Possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (Gauthier, 2003 citado por Adad, 2011, p. 249).

Para enredar tais aspectos, a sociopoética entrelaça as dimensões artísticas e coletivas, que ampliam a expressividade e a composição de sentidos pelos sujeitos em agenciamento com “o corpo, os afetos, a potência do grupo, a mobilização de fontes do conhecimento [...], como a emoção, as sensações, a intuição e até aspectos espirituais [...]”, que conectam mente, corpo e espírito (Gauthier, 2019, p. 236).

Assim, a sociopoética volta-se ao pesquisar de corpo inteiro (Gauthier, 2009; 2015; 2019), convertendo o pesquisar de um ato solitário, fechado e neutro à sua capacidade profunda e coletiva de sentir e compor sentidos, visto que “não separamos o corpo da mente nem do espírito, pois, no ser humano a distinção entre esses três aspectos da pessoa é artificial e, tanto prática como teoricamente, inconsistente” (Gauthier, 2019, p. 240).

A pesquisa sociopoética desnaturaliza o fazer científico hegemônico e instituído da ciência, colocando em devir o grupo-pesquisador para a produção de conhecimentos e de sentidos coletivamente. Assim, o sentido aqui referido “é como a esfera em que estou instalado para operar as designações possíveis e mesmo para pensar suas condições”

(Deleuze, 1974, p. 31). O devir, em Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995), compõe os sentidos a partir dos agenciamentos que atravessam os sujeitos como um rizoma que:

[...] não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos (Deleuze & Guattari, 1995, p.14-15).

As discussões tecidas coletivamente tornam os sujeitos em co-pesquisadores de um grupo-pesquisador, favorecendo a produção de confetos (conceitos e afetos), de intuíetos (conceitos e intuição) e de personagens conceituais (grupo pesquisador). Para isso, a sociopoética se orienta pela composição do grupo-pesquisador, a valorização das culturas de resistência, a pesquisa com o corpo inteiro, as produções narrativas e saberes com técnicas artísticas e o respeito ao pertencimento da pesquisa (Gauthier, 2009; 2015; 2019).

O ponto chave do pesquisar com a sociopoética consiste na decolonialidade, que emerge da valorização das culturas e saberes de resistência e se entrelaça às orientações da sociopoética, bem como a conduz como referência em todo processo, logo, conferindo uma abertura aos saberes, sem a projeção de estigmas. Tal processo demanda que o pesquisador seja integral, porque envolve “[...] todos os recursos do corpo para produzir dados: as sensações e sensibilidade, a intuição, as emoções, a razão, [...] a gestualidade, a dança, o imaginário etc.” (Gauthier, 2015, p. 81) e o uso de técnicas artísticas auxilia na composição da pesquisa.

A sociopoética possui potencial poético e crítico que mobiliza o coletivo para intervir sobre a realidade (Gauthier, 2015), a qual, de acordo com Bruno Latour (2002), é fruto do processo de subjetivação (Latour, 2002). Uma vez em agenciamento coletivo, esse modo de pesquisar encontra no grupo-pesquisador fundamentação e o impulsionamento da produção, da análise e da contra-análise que compõem a pesquisa.

Nesse processo em que os sujeitos se tornam co-pesquisadores e, simultaneamente, filósofos coletivos, eles também experienciam o devir-filósofo de caráter crítico e criativo (Gauthier, 2015). Assim, ocorre a quebra de paradigmas científicos e metodológicos hegemônicos. A sociopoética torna cada sujeito parte integradora da pesquisa, reiterando a sua função agenciadora, comprometida com a decolonialidade dos saberes e dos sujeitos. Ambos os processos de decolonialidade

aproximam os sujeitos das narrativas de resistência, por exemplo, como a escrita por Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria de Jesus: Um Caminho Para a Sociopoética

Carolina Maria de Jesus, mulher negra e escritora brasileira, nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Ainda criança, ela frequentou os seus primeiros anos letivos no colégio Allan Kardec, com o apoio de Maria Leite Monteiro de Barros, uma mulher influente da alta sociedade (Miranda, 2015). Entretanto, ainda jovem, Carolina teve que abandonar os estudos.

Desde que aprendera a ler e a escrever, Carolina demonstrava indícios de uma escrita poética. Ela, guiada pelo seu devir-criança (Lopes, 2019), encontrou a inventividade criativa ampliada pela leitura e a escrita, que não se limitava ao que se tinha dado como o real preestabelecido.

Em 1937, Carolina Maria de Jesus deixou a sua cidade natal e foi para São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica na casa de uma família. Conforme destaca Fernanda Miranda (2015), o que fez com que Carolina buscasse por outra forma de obter uma renda. Assim, mesmo com pouco retorno financeiro, ela assumiu a função de catadora de papéis, “esta atividade lhe garantia ainda o suporte da escrita, pois era no descarte que ela recolhia cadernos para escrever” (Miranda, 2015, p.118).

A escrita de Carolina produzia outros sentidos àqueles papéis descartados que ela encontrara em seu trabalho diário. A construção das narrativas com os cotidianos da periferia pela escritora, revelava em sua escrita que “ao selecionarmos as informações que serão usadas em nossas narrativas, acabamos por potencializar os sentidos” (Ferraço, Soares & Alves, 2018, p. 19). Assim, em um território precarizado e em situação também precarizada, Carolina narra a favela como o quarto de despejo da sociedade, o que evidenciado em seu primeiro livro, publicado na década de 1960, e reconhecido em âmbito nacional e internacional.

[...] quando o livro de Carolina foi publicado, o campo de onde emergia sua voz — a favela — não fazia parte do imaginário social amplo, como é hoje em dia. Diferente do Rio de Janeiro, na cidade de São Paulo as primeiras favelas estavam surgindo quando Quarto de Despejo chegou às livrarias. Para que esta favela, desconhecida, viesse à tona através do discurso inédito de alguém que vivia nela, coube ao editor do livro a tarefa de primeiro torná-la real para o público (Miranda, 2015, p. 121).

A produção e a reprodução da realidade da favela do Canindé, onde Carolina morava com sua filha Vera Eunice e com os dois filhos José Carlos e João José, tomou proporções que espelhavam os retratos da desigualdade na sociedade e as relações entre os sujeitos daquele ambiente e dos grandes centros urbanos.

Em 1958, Audálio Dantas, jornalista da Folha da Noite, em busca das realidades na favela do Canindé, encontrou Carolina Maria de Jesus que lhe contou a sua história e mostrou os seus cadernos com narrativas dos cotidianos da favela, sob uma perspectiva crítica e poética de seu olhar sobre a realidade vivida (Miranda, 2015). Desse modo, linhas foram tecidas para que Carolina publicasse a sua escrita em um livro.

Quarto de despejo começa a surgir para o público em uma reportagem de página inteira publicada em nove de maio de 1958: “O Drama da Favela Escrito por uma Favelada: Carolina Maria de Jesus faz um Retrato sem Retoque do Mundo Sórdido em que Vive”. A matéria traz descrições do cotidiano na Canindé e índices biográficos de Carolina, destacando a sua singularidade frente aos demais favelados, e, embora afirmando a inegável expressão literária do texto, em consequência imediata da repercussão desta primeira reportagem o desenho do diário publicado vai se engendrando a partir de uma linha discursiva que privilegia exclusivamente os detalhes da experiência favelada (Miranda, 2015, p. 122).

A primeira obra de Carolina foi publicada seguida por outras de sua autoria, na mesma década, como “Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada”(1961), “Pedacões de fome”(1963) e “Provérbios”(1963), mas nenhuma delas teve tanta repercussão quanto “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960). O ato de escrever de Carolina representa resistência, ela narra os acontecimentos seguida de uma análise crítica dos fatos.

As narrativas literárias de Carolina Maria de Jesus a colocam por inteiro neste processo em corpo, mente e espírito. Ela sente as mazelas da pobreza, do trabalho informal e das discriminações, expressa os seus posicionamentos e ao final do dia agradece, entrega e pede auxílio à divindade que acredita.

As palavras de Carolina ressoam as vozes sistematicamente silenciadas pela estrutura social, revelando os apagamentos da população negra e periférica. Ainda, os apagamentos históricos, sociais, culturais, políticos e, conseqüentemente, também percebido nos currículos escolares, são rememorados com a leitura do primeiro diário da escritora. A sua obra desperta para a importância da leitura de narrativas a partir do ponto de vista daquele/a que sente a invisibilidade provocada pela estrutura. Diante disso, sob uma perspectiva decolonial visualizamos que há uma multiplicidade de conhecimentos de

sujeitos de resistência que precisam ser valorizados em contraposição à manutenção da lógica hegemônica do poder sob o saber, inclusive nas epistemologias.

O encontro dos saberes decoloniais em Carolina na contribuição com a literatura brasileira e negra a partir de sua existência e vivência, desconstrói o ideário de epistemologia única e se abre às narrativas as quais “estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio” (Gomes, 2012, p. 107) que envolve a todos, inclusive o ambiente educacional. Carolina nos convida a dar visibilidade às demais formas de opressão que atravessam negras/os periféricas/os ao narrar as desigualdades, o preconceito e a discriminação mediante a fome, as relações étnico-raciais, a pobreza, as condições precárias de moradia, de trabalho e de acesso à educação.

Sociopoética com Crianças

Ao longo de duas manhãs, em uma escola pública de EI de Minas Gerais, foi realizada uma pesquisa sociopoética com crianças de 5 anos de uma turma do 2º período, com o tema “Carolina Maria de Jesus”. Essa vivência buscou proporcionar às crianças o conhecimento de referências negras em seus respectivos universos culturais. Com a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus e os seus diálogos com a realidade, as crianças foram despertadas à produção de sentidos a partir dos seus cotidianos por meio da leitura e escrita, as quais eram tão estimadas por Carolina.

Para orientar a sociopoética com as crianças e as produções, a turma, composta por duas meninas negras e quatro meninas brancas, além de dois meninos negros e três meninos brancos, participou de duas oficinas, uma de produção de narrativas e outra de contra-análise, impulsionadas por algumas questões para as discussões. São elas: 1) Quais as primeiras impressões das crianças ao olhar a imagem de Carolina Maria de Jesus? Para isso, foi fixada uma fotografia da escritora no quadro. 2) Como a história desta escritora afeta as crianças?

Na oficina de produção de narrativas, sendo a professora a facilitadora e as crianças como co pesquisadores, foram produzidos dados por meio de uma técnica de inspiração artística, visto que “são múltiplas e cada facilitador pode inventar técnicas que correspondem ao seu gosto e saber-fazer” (Gauthier, 2015, p.82). Por isso, denominamos

essa técnica de 'O Sentir e o Sentido', para a produção de confetos e a compreensão dos sentidos das produções pelas crianças. Dito isso, as crianças foram informadas sobre cada um dos momentos que participaram.

No primeiro dia, um dos momentos consistiu na observação de uma foto de Carolina Maria de Jesus emoldurada em um papel brilhante junto ao nome dela fixados no quadro da sala com o desenho de ramos em giz que aparentavam brotar do mesmo. As crianças demonstraram curiosidade, uma vez que estavam atentas a figura que as despertou perguntas do tipo “quem é ela?”, “por que a foto é em preto e branco?”, “o que vamos fazer?”, “o que está escrito ali?”, “você conhece ela, professora?”, enquanto algumas delas apenas observavam em silêncio.

Logo, as crianças foram convidadas a acompanhar a contação da história de vida da escritora e uma conversa sobre ela a fim de ampliar os sentidos das crianças, bem como para que elas compreendessem a sua função coletiva enquanto grupo-pesquisador. As crianças foram receptivas à proposta, sendo, primeiramente, conduzidas ao reconto coletivo da história da escritora, seguido da manifestação das partes que lhe despertaram a atenção. Posteriormente, as crianças exploraram letras do alfabeto móvel que estavam dispostas sobre o chão, sendo instigadas ao desenvolvimento de sentidos. Tais sentidos associavam a história à imagem de Carolina Maria de Jesus e as letras disponibilizadas. Aos poucos as crianças foram encontrando as letras que compunham o nome de Carolina e o nome delas, aproximando-as da função de escrita e leitura.

As crianças ainda produziam sentidos outros às letras, montando diferentes representações da história de Carolina, o que demonstrava as afetações proporcionadas pela experiência. Em meio à livre exploração das letras, as crianças brincavam e compunham cenários (casas, ruas, árvores, entre outros) com as mesmas a partir do seu imaginário. Assim, as crianças produziam os sentidos, compondo os significados daquelas letras ao retratarem o contexto da vida de Carolina, além da escrita espontânea de palavras, trazendo àquelas letras e palavras para os seus respectivos universos culturais.

Outro momento da oficina conferiu às crianças a (re)produção do retrato da escritora representando a sua história, seguido do relato sobre a relação entre o desenho e o tema. Então, foram disponibilizados lápis de cores, folhas de papel A4, tiras de revistas e cola para a confecção dos desenhos pelas crianças. Cada desenho por elas elaborado produzia confetos, conforme também foi detectado em um estudo da pesquisadora Shara Adad (2011). O desenho demonstrou as representações de mundo

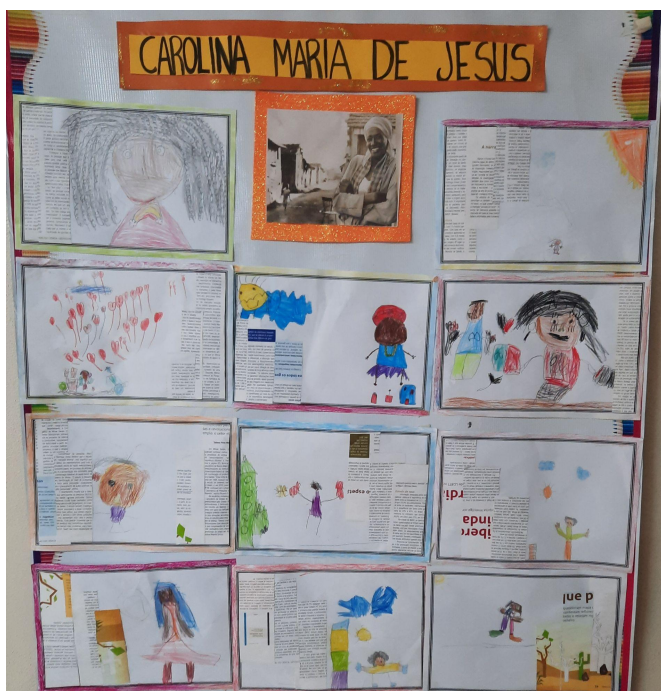
das crianças, conferindo às suas percepções acerca das realidades das periferias, das relações sociais das famílias, do trabalho informal, da alimentação, da profissão de escritora, assim como das mudanças ocorridas na vida de Carolina.

Por meio da oficina, foram produzidos confetos com as crianças a partir da explicação delas sobre os seus desenhos, como: “Carolina criança”; “o sonho de Carolina”; “os papéis de Carolina”; “os livros de Carolina”; “a vida de Carolina”; “sem a fome”; “a família de Carolina”; “os corações de Carolina”; e “o brilho de Carolina”. Observou-se duas tendências nesses confetos: a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus problematizadas pelas crianças. Tais problematizações integram o devir sob a “composição com as possibilidades de invenção, imaginação, novidade e experimentação que atravessam a força da criança, no seguir linhas em aberto que não se restringem a um mundo pré-definido” (Lopes, 2019, p. 17).

Dessa maneira, as produções apresentadas a seguir revelam as percepções das crianças sobre a história de Carolina Maria de Jesus, tanto as suas características físicas, quanto as vivências e as experiências como escritora e sujeito existente e resistente na sociedade:

Figura 1

Desenhos sobre a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus (re)produzidos por crianças do 2º período da EI



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

No segundo dia, realizou-se a oficina de contra-análise, que conferiu ao grupo-pesquisador refletir sobre as produções e as suas interpretações mediante as análises prévias da professora como facilitadora. Esse processo trata-se de um momento de composição coletiva que busca descartar, rever ou confirmar, de forma dialogada, os sentidos produzidos acerca da pesquisa realizada. Diante das narrativas, das análises e da contra-análise, temos, posteriormente, o momento do diálogo da teoria com os dados produzidos pelo grupo-pesquisador.

Este momento pretende ser um espaço no qual ocorra a produção de sentidos, de acontecimentos ou de conceitos e, ao mesmo tempo, a produção de subjetividade: pensar e ser são uma só e a mesma coisa. E como o conceito é um acontecimento, não pode existir sem ser perpassado de afetos que não são emoções individuais, nem sentimentos, mas intensidades que percorrem os corpos. Por isso, a Sociopoética se utiliza do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que na atividade do grupo pesquisador os afetos não só existem, como são o próprio motor da criação (Adad, 2011, p. 261).

A vida da escritora atravessou as crianças pela experiência do contato com escrita, tanto motivando-as como pelo antes e depois do reconhecimento de Carolina, além das reflexões entre "Carolina criança" e "Carolina adulta". As crianças observam em “Carolina criança” o desejo de aprender a ler e a escrever que também foi interiorizado por elas. Logo, a inventividade de construir conhecimentos com aquilo que se aprendeu, seja na construção de pequenas palavras, na composição de desenhos ou mesmo na possibilidade da escrita de livros fizeram parte da produção de subjetividade das crianças.

As projeções de Carolina despertaram dizeres nas crianças que demonstraram a percepção da diferença que, de acordo com Deleuze, indica a multiplicidade enquanto acontecimento, perpassada por agenciamentos (Paraíso, 2010). Nesse processo, a interseccionalidade⁵⁶ nos modos de existir de Carolina em raça, classe e gênero são observados por nós nos desenhos das crianças. Ao colorir, demarcam Carolina como negra, percebem a escritora enquanto uma mulher, além de verbalizar e representarem em desenhos tais caracteres e a diferença entre a precariedade vivida por ela e a sua superação. A aproximação da turma à realidade da escritora, sobretudo como criança, evidenciava-se em aspectos coletivos e subjetivos de cada estudante, como caracteres físicos, afetivos ou materiais.

⁵⁶Interseccionalidade é um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002) que refere-se aos entrecruzamentos de opressões determinadas por eixos de poder de raça, etnia, gênero e classe.

Tal situação é observada por Luana Tolentino (2018) em seu livro, “Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula”, em que essa educadora relata em uma passagem que uma de suas alunas reconheceu as possíveis aproximações entre a sua vida e a de Carolina Maria de Jesus. A partir disso, percebe-se que levar essa escritora ao conhecimento das/os estudantes desloca as epistemologias inferiorizadas pela estrutura a uma posição ao centro das discussões, valorizando as vozes e as vivências negras.

Outra questão que chamou atenção das/os estudantes na história de Carolina Maria de Jesus é a atividade laboral de “Carolina criança”. Por que uma criança negra deixa de estudar para exercer funções laborais? Essa é uma das questões que decorre do problema social, cuja resposta converge à estrutura racista, classista e patriarcal. A escritora enquanto mulher negra resiste ao sistema de dominação junto a sua família, traduzindo a sua revolta, resistência e existência em palavras.

A relação do trabalho e a presença ou a ausência da fome são destacadas pelas crianças, implicando ao questionamento: “por que a fome marca a vida de Carolina e de sua família?” Quando a criança discute sobre a fome em sua arte, compreende-se que tal assunto provoca afetações, direta ou indiretamente, sobre a sua visão sobre o mundo, além de expressar condições materiais, físicas e emocionais, que são provocadas nos sujeitos pelo confronto entre a necessidade visualizada e/ou a sentida.

Por outro lado, as crianças verificam processos em “Carolina adulta”, na qual em um primeiro momento há uma projeção do “sonho de Carolina” de se tornar escritora que assim como todos os confetos se entrelaçam em agenciamento. Assim, o sonho se traçava nos “papéis de Carolina”, produzindo realidades:

[...] diante da atividade de “catar” papel e depois vendê-lo para prover o alimento diário, de “catar” espaços em branco nas folhas usadas que encontrava nas ruas, de “catar” alguns momentos de silêncio em meio ao barulho da favela, a autora “catasse” discursos e recursos expressivos para narrálos (Miranda, 2015, p. 132).

O posicionamento de Carolina como escritora ao longo de sua trajetória consiste em algo que decorre de uma subjetividade que, de acordo com Deleuze & Guattari (1995), denomina-se maquínica, é provocada pela composição inventiva dos sujeitos e de sua capacidade de encontrar linhas de fuga, como Carolina a partir das narrativas. Nesses confetos dos sonhos, papéis e livros de Carolina, duas crianças citaram sobre o desejo de

escrever livros como a escritora, questionaram se essa seria uma profissão e a resposta afirmativa os deixou interessados pela possibilidade.

A apresentação das capas dos livros “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960) e “Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada”(1961), de Carolina Maria de Jesus, durante a contação da história da autora, situam os dois momentos da “vida de Carolina” representados nos desenhos. Pelos confetos “sem a fome” e “família de Carolina”, as crianças citam a retomada das vivências de Carolina e construíram um desfecho positivo da vida dessa autora e de seus familiares.

Ao se referirem à trajetória de Carolina, compreende-se o confeto “brilho de Carolina”, em que uma criança estabelece uma relação de Carolina com a luz do sol em sua totalidade e o brilho que a envolve. Ao mesmo passo, outra afirma que Carolina “merece” muitos corações, que surgem como símbolo de afeto, sentimento despertado por Carolina e que nos aproxima da concepção de Corpo com Coração (CcC) na sociopoética. Para Gauthier (2019), a conexão entre o corpo e a ciência interliga-se à espiritualidade. Assim, essa ligação confere às co-pesquisadoras a crença sobre o que é sentido se converge em central, “este Coração tem a capacidade de se relacionar com os fluxos compassivos e amorosos do universo inteiro, na prática meditativa da Vacuidade” (Gauthier, 2019, p. 246-247).

Para finalizar esta produção sociopoética, as crianças, em comum acordo com referência à escrita dos cotidianos por Carolina Maria de Jesus, confeccionaram uma carta coletiva direcionada à autora. Tendo a professora como escriba, elas expressaram os acontecimentos enquanto processos vivenciados durante a realização das atividades que compõem os seus cotidianos e as suas subjetividades. Assim, se estruturou a carta:

Oi, Carolina

A gente está aprendendo a ler. Conhecemos sua história.

Vamos para a escola todos os dias e estamos aprendendo muitas coisas: a escrever, a ler e hoje aprendemos o que é uma carta.

Hoje o coleguinha chegou atrasado, está chovendo muito. Alguns coleguinhos vieram de ônibus, porque a casa deles é muito longe da escola.

Hoje tivemos Educação Física com a [professora 1], brincamos de corre-cotia e bambolê.

Na escola, estudamos na sala 3, gostamos de brincar, comer, da música e também do pátio, mas hoje está chovendo então não vamos.

Temos uma professora chamada [professora 2]. Ela contou sua história para a gente. Gostamos da parte que você escreve papéis e livros.

Ficamos felizes em te conhecer, até fizemos uma arte para você.

Beijinhos,

Tchau!

Isso posto, nos cotidianos, os afetos e os conceitos, ou seja, os confetos, foram produzidos com as crianças agenciados à vida e à obra de Carolina Maria de Jesus. O entrelace entre a história da autora, a sociopoética e as crianças conferem uma perspectiva decolonial, na qual o fazer científico opõe a reproduzir a hegemonia e tem por prioridade a escuta das vozes dos sujeitos e povos de resistência silenciados.

A partir da sociopoética, as crianças, sujeitos também silenciados pela estrutura social e o fazer científico, tiveram a oportunidade de ter suas vozes ouvidas, projetando, assim, a sua coletividade e a subjetividade ao expressar sentidos. Ao mesmo passo, as crianças ampliaram as suas perspectivas sobre o que é ser um/a escritor/a, desconstruindo visões e percepções padronizadas acerca das epistemologias, uma vez que se abre a diálogos com a autora enquanto mulher, negra, periférica, que nos inteira dessa discussão.

Considerações Finais

A sociopoética com crianças, neste artigo, teve como tema a história de Carolina Maria de Jesus como expressão decolonial de saberes, apresentando as contribuições da expressão das epistemologias negras, subsidiando vozes negras e de crianças na pesquisa.

Para isso, apontou-se os conceitos do modo de pesquisar sociopoético, citando as suas características e etapas. Além disso, destacou-se a narrativa de Carolina Maria e o seu diálogo com a sociopoética e, por fim, o relato da vivência da pesquisa com crianças, trouxe a contextualização de utilização com os cotidianos escolares.

A partir das vivências proporcionadas, verificou-se que a sociopoética amplia a participação desses sujeitos na pesquisa. Ela apresenta a construção de narrativas que demonstram a efervescência de ideias e sentidos que deslocam os sujeitos a apresentarem as suas subjetividades e coletividades em meio a produções artísticas.

Ao contrário das pesquisas científicas que demandam momentos de solidão do pesquisador para a análises, a sociopoética se abre a contra-análise por seus sujeitos de pesquisa, que (re)articulam, desconstroem e (re)compõem coletivamente os sentidos produzidos, aproximando a pesquisa das perspectivas de suas/seus co-pesquisadoras/es.

Mais do que aproximar os sujeitos da pesquisa, a sociopoética torna-os atores do processo. Desse modo, crianças co-pesquisadoras utilizam de suas percepções sobre o mundo para compor conhecimentos e despertar percepções sobre os cotidianos, como as realidades de Carolina Maria de Jesus. No entanto, convém ressaltar que existem demandas do modo de pesquisar em atenção ao público infantil, como a adequação a essa faixa etária com focos na ludicidade e a dedicação à escuta da criança, uma vez que ela precisa despertar a expressividade, a produção e a interpretação de seus sentidos.

Portanto, o modo de pesquisar decolonial tensiona o campo científico ao permitir que sujeitos e povos de resistência silenciados, entre eles crianças, sujeitos negros e periféricos, se expressem integralmente e produzam saberes. Além disso, esse modo revela que as crianças precisam ser compreendidas como parte integrante da pesquisa, pois são capazes de produzir e discutir dados, expressando as suas opiniões, em um processo vinculado ao sentir, e produzir sentidos e saberes decoloniais dentro de um campo, como o (re)conhecimento de Carolina Maria de Jesus como escritora negra da literatura brasileira, o que nos instiga a refletir as potencialidades da sociopoética para com as crianças.

A educação de crianças sob uma perspectiva decolonial faz-se possível a partir do modo de pesquisa sociopoético. Quando são desenvolvidas atividades como as narradas nesta produção, percebemos a participação das crianças integralmente na produção coletiva de saberes, envolvendo os seus sentidos físicos, cognitivos, sociais, afetivos e emocionais. Ademais, este modo de pesquisar corrobora com o conhecimento de epistemologias decoloniais. Carolina Maria de Jesus, por exemplo, agencia vivências com a realidade e a representatividade de luta como mulher negra e periférica ao ecoar a sua voz em meio a sua escrita. Assim, mesmo antes da alfabetização, as crianças podem vivenciar com a decolonialidade as rotas que desviam da ocidentalização dos saberes.

Referências

Abramowick, A., & Oliveira, F. (2012). As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: Alguns aportes. Em M. A. S. Bento (Org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais*, (pp. 47-64). CEERT.

Adad, S.J.H.C. (2011). O pensamento de crianças vitimizadas pelas violências sobre o corpo: Uma pesquisa sociopoética. *Cordis. História, Corpo e Saúde*, 7, jul./dez. 247-282.

Cavalleiro, E.(2012). *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*, (6 ed.). Contexto.

Crenshaw, K.(2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 171-188.

Deleuze, G. (1974). *A lógica do sentido*. Perspectiva.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Ed. 34.

Ferraço, C.E., Soares, M.C.S., & Alves, N. (2018). *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação*. EdUERJ.

Gauthier, J. (2009). A Sociopoética ou quando grupos-pesquisadores se tornam filósofos coletivos. *Revista Sul-americana de Filosofia e Educação*, 12, 118-135.

Gauthier, J.(2015). Sociopoética e formação do pesquisador integral. *Revista Psicologia*, 78-86.

Gauthier, J.(2019). A sociopoética como método de pesquisa instituinte e decolonial. *Revista de Humanidades e Letras*, 5(2), 235-256.

Gomes, N. L. (2012). Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículos Sem Fronteiras*, 12(1), 98-109.

Gomes, N. L., & Araújo, M.(2014). Estudo teórico sobre Infância, Educação Infantil e Relações étnico-raciais: Alguns pontos para pensar a Infância de 0 a 5 anos. Em W. Coelho et al. (Org.). *A Lei 10.639/2003: Pesquisas e debates*, (pp. 223-277). Editora Livraria da Física.

Jango, C.F.(2017). *Aqui tem racismo: Um estudo das representações sociais e das identidades das crianças*. Editora Livraria da Física.

Jesus, C. M. (2014). *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Editora Ática.

Latour, B. (2002). *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. EDUSC.

Lopes, E. S. (2019). A alegria subversiva de devir-criança. *Momento*, 28(1), 11-25.

Miranda, F. R. (2015). Carolina Maria de Jesus: A morada da palavra. *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, 3(1).

Oliveira, E. S., & Lucini, M. (2021). O pensamento decolonial: Conceitos para pensar uma prática de pesquisa de resistência. *Boletim Historiar*, 8(1), jan./mar., 97-115.

Paraíso, M. A. (2010). Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 587-604.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Em E. Lander (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*, (pp. 117-142. CLACSO.

Tolentino, L. (2018). *Outra educação é possível: Feminismo, antirracismo e inclusão na sala de aula*. Mazza Edições.